



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

BC divulga Ata do Copom e RPM, após novo corte da Selic. Semana também traz novos números da inflação

- Após voltar a reduzir a taxa Selic em 0,25 p.p., para 13,75% a.a., o Banco Central divulga nesta semana, na terça (22) e na quinta-feira (24), a Ata da última reunião do Copom e o Relatório de Política Monetária (RPM) do 3T26.** O comunicado pós-reunião trouxe poucas mudanças em relação ao anterior, embora tenha reconhecido avanços na desaceleração da atividade e da inflação. Ainda assim, o Comitê manteve o balanço de riscos com assimetria altista e elevou suas projeções de IPCA para 2026 e 2027. Dessa forma, os documentos desta semana devem trazer mais detalhes sobre a leitura do cenário pelo Comitê, além da avaliação sobre o hiato do produto e a trajetória projetada da inflação. Vale lembrar que, a partir da próxima reunião, o horizonte relevante da política monetária se desloca para o 2T28, cuja projeção no último RPM era de 3,2%, ao redor da meta de 3%. Apesar da elevada incerteza nos cenários internacional e doméstico, por ora a expectativa é de que o Copom prossiga com o ciclo de redução da Selic (0,25 p.p.) em sua próxima reunião (dias 3 e 4 de novembro).
- Na agenda de indicadores, a semana é bastante enxuta e tem como destaque a divulgação do IPCA-15 de setembro, na sexta-feira (25).** O consenso do mercado estima alta de 0,55% no mês, pressionada pelo reajuste da energia elétrica, em função da devolução do Bônus de Itaipu que beneficiou os consumidores em agosto. Além disso, os preços dos alimentos também devem voltar a subir, como já apontado pelos índices do atacado, diante dos receios em torno dos efeitos do fenômeno *El Niño*. Com isso, no acumulado de 12 meses, o índice deve mostrar ligeira aceleração, para 4,31% (ante 4,24%), permanecendo ainda abaixo do teto da meta (4,50%).
- O governo federal divulga na quinta-feira (24) o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (RARDP) do 4º bimestre do ano.** A publicação ganhou relevância após o anúncio, na última quinta (17), do reajuste de 15,04% no valor do benefício do Bolsa Família, cujo piso passará de R\$ 600 para R\$ 691. Segundo o próprio governo, o impacto orçamentário será de R\$ 5,8 bi em 2026, já que o reajuste se restringe aos meses de outubro a dezembro. O governo também adiantou que esse aumento de despesa será compensado por uma redução da previsão de gastos com previdência, o que dispensaria o anúncio de bloqueio ou contingenciamento adicional de despesas. A consistência dessa compensação ficará mais clara na divulgação do Relatório. De toda forma, a maior preocupação recai sobre 2027, quando o impacto será de R\$ 22,7 bi.
- Ainda no campo fiscal, a Receita Federal deve divulgar, sem data definida, os dados de arrecadação de impostos de agosto.** A arrecadação deve seguir apresentando crescimento relevante, sustentada pela alta do preço do petróleo e pelas medidas de aumento de impostos. No acumulado do ano, a arrecadação registra avanço real de 7,0%.
- No cenário internacional, destaque para o encontro entre o presidente Donald Trump e seu homólogo chinês, Xi Jinping, que deve ocorrer nesta quarta (23).** A discussão entre os líderes deve ser pautada pelo avanço da Inteligência Artificial (IA), exploração de terras raras, além de negociações comerciais entre os países.
- A semana de indicadores internacionais também é enxuta. Nos EUA e na Zona do Euro, serão conhecidas na quarta (23) as prévias de setembro dos índices PMIs.** Nos EUA, o indicador deve seguir apontando resiliência da atividade, sobretudo no setor de serviços, apoiado pelo avanço da renda das famílias. Na Zona do Euro, a leitura deve mostrar maior moderação, embora ainda em terreno expansionista.
- Na China, o Banco Popular da China (PBoC) manteve, ontem à noite, as taxas prime de juros de 1 e 5 anos estáveis, em 3,0% a.a. e 3,5% a.a., respectivamente.** Assim, os juros permanecem estáveis há 16 meses, no menor patamar da série histórica, em um esforço de manutenção da política monetária em nível estimulativo, dada a crise estrutural no mercado imobiliário do país e a falta de dinamismo do consumo interno. Vale notar que a taxa de 1 ano é usada como referência para empréstimos corporativos e às famílias, enquanto a de 5 anos é referência para empréstimos imobiliários.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/set	Ata da última reunião do Copom	16/set	-	-
24/set	Reunião do CMN	Set/26	-	-
24/set	BCB: Relatório de Política Monetária	3º tri/26	-	-
24 – 25/set	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor e Construção	Set/26	-	-
24/set	Planejamento: Relatório Bimestral de Receitas e Despesas	4º bi/26	-	-
25/set	IBGE: IPCA 15	Set/26	0,55% m/m 4,31% a/a	-0,40% m/m 4,24% a/a
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Ago/26	10,0% a.a.	9,0% a.a.

Fonte: Bloomberg e Broadcast.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
20/set	China	Taxas de Juros Prime (1 ano e 5 anos)	Set/26	3,00% aa; 3,50% aa	3,00% aa; 3,50% aa
22/set	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Set/26 - prévia	-16,0 pts	-15,5 pts
23/set	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Set/26 - prévia	52,6 pts / 51,4 pts	52,7 pts / 51,6 pts
23/set	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Set/26 - prévia	53,6 pts / 55,9 pts	53,9 pts / 56,5 pts
24/set	EUA	Alvarás para novas construções	Ago/26 - final	-	4,3% m/m
24/set	EUA	Vendas de novas casas	-10,5% m/m	1,3% m/m	-10,5% m/m
25/set	EUA	Pedidos de bens duráveis	Ago/26	-0,3% m/m	1,1% m/m
25/set	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Set/26 - final	47,5 pts	51,7 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Banco Central reduz a taxa de juros para 13,75% a.a., sem sinalizar fim do ciclo de calibração

O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reduziu a taxa Selic em 0,25 p.p., para 13,75% a.a., na última quarta-feira (16), dando sequência ao ciclo de calibração da política monetária. O comunicado trouxe poucas mudanças em relação ao documento divulgado na reunião de agosto e seguiu sem sinalizar de forma explícita o encerramento do ciclo. Ao mesmo tempo, o Comitê reforçou que os próximos passos dependerão da evolução dos dados, mantendo em aberto tanto a possibilidade de novos cortes quanto a interrupção do processo.

No cenário corrente, o Comitê passou a identificar uma moderação gradual da atividade, sobretudo nos setores mais cíclicos, principal mudança em relação ao comunicado anterior, que apenas indicava sinais nesse sentido. Assim, após a divulgação do PIB do 2T26 e de novos indicadores de atividade de maior frequência, o Comitê demonstra ter ganhado confiança na perspectiva de desaceleração da economia em função da política monetária contracionista.

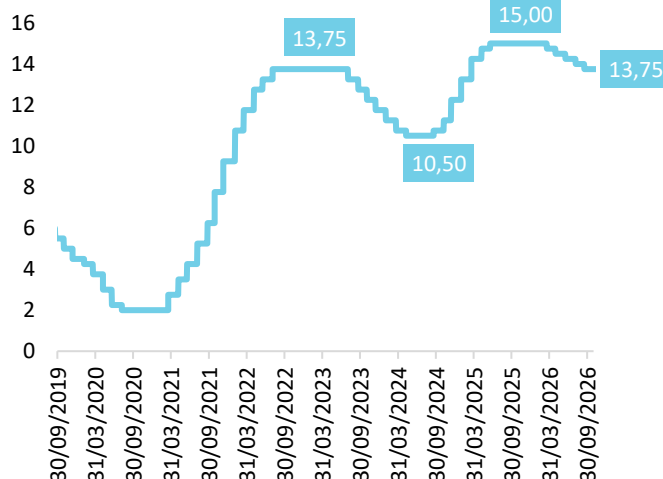
No campo da inflação, houve outra mudança relevante, ao apontar que tanto a inflação cheia quanto as medidas subjacentes já se situam abaixo do limite superior do intervalo de tolerância. Contudo, as projeções de inflação do Banco Central apresentaram mudanças marginais e para cima (Quadro 2). Para 2026, a estimativa do IPCA passou de 5,1% para 5,2%, enquanto para 2027 a projeção subiu de 3,8% para 3,9%. Para o primeiro trimestre de 2028, atual horizonte relevante, a projeção seguiu em 3,2%, pouco acima da meta estipulada pelo CMN (3,0%).

Já o balanço de riscos permaneceu caracterizado por riscos elevados em ambas as direções, mas com assimetria altista. Entre os fatores de alta para a inflação, o Copom voltou a destacar a desancoragem das expectativas nos horizontes mais longos, a maior resiliência da inflação de serviços, a possibilidade de as políticas econômicas interna e externa exercerem pressão adicional sobre os preços domésticos e os estímulos à demanda agregada. Entre os riscos de baixa, o Comitê ressaltou a possibilidade de desaceleração da atividade econômica mais acentuada do que a projetada.

Nesse contexto, o cenário para a taxa de juros permanece incerto. Embora parte do mercado espere a interrupção do ciclo de queda da Selic, a maioria dos agentes projeta nova redução na reunião dos dias 3 e 4 de novembro.

INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic - % a.a.



Fonte: BCB

Quadro 2: IPCA – Projeção BCB
Var.% no ano

Indicador	Reunião	2026	2027	1T28
IPCA	05/ago	5,1	3,8	3,2
	16/set	5,2	3,9	3,2
IPCA Livre	05/ago	5,1	3,9	3,1
	16/set	5,2	4,1	3,2
IPCA Administrado	05/ago	4,9	3,5	3,5
	16/set	5,3	3,5	3,2

Legenda: ■ Revisão para cima
■ Revisão para baixo

Fonte: BCB

A desaceleração da atividade econômica contribui para o fechamento do hiato do produto e para a redução das pressões inflacionárias provenientes da demanda, o que pode favorecer a continuidade dos cortes ao longo do restante do ano. Por outro lado, o cenário segue marcado por elevada incerteza em relação aos choques de oferta.

Nesse sentido, ainda não está claro como ocorrerá a continuidade da política de amortecimento dos efeitos dos choques sobre os preços dos combustíveis. O diesel permanece com defasagem relevante em relação ao preço externo, estimada atualmente em 102% segundo a Abicom. Eventuais ajustes tendem a produzir impactos relevantes sobre os transportes, com possibilidade de difusão para o restante da economia. Além disso, os preços dos alimentos devem ser pressionados pelos efeitos associados ao *El Niño*, que tendem a se intensificar a partir do 4T26. Adicionalmente, há a expectativa em relação à política fiscal do próximo governo, que traz incertezas quanto à intensidade da busca pela melhora das contas públicas.

Assim, embora a moderação da atividade e o comportamento mais favorável da inflação corrente possam abrir espaço para novos cortes da Selic, a desancoragem das expectativas e os riscos relacionados aos preços dos combustíveis, dos alimentos e da política fiscal recomendam cautela na condução da política monetária.

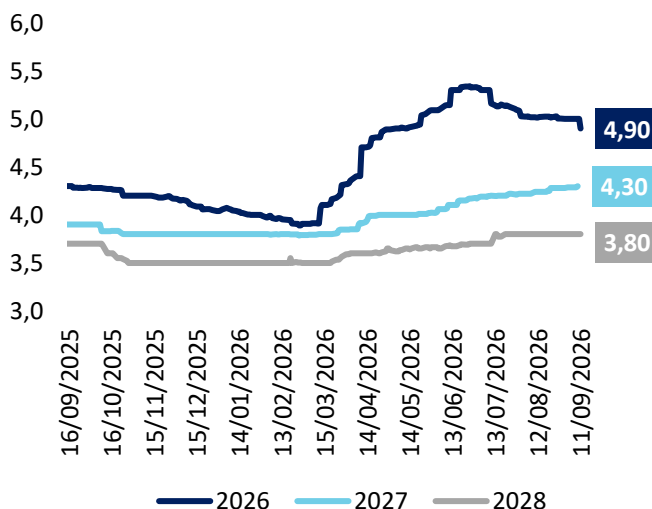
Os indicadores antecedentes do PIB recuaram em julho, reforçando os sinais de perda de tração da atividade econômica no início do 3º trimestre. O índice IBC-Br, calculado pelo Banco Central, caiu 0,22% no mês, enquanto o Monitor do PIB, elaborado pela FGV, recuou 0,36%. No caso do IBC-Br, o resultado veio pior que a expectativa do mercado (-0,15%).

Esta foi a segunda retração mensal consecutiva do IBC-Br, após o recuo de 0,9% registrado em junho, reforçando a leitura de enfraquecimento da atividade na margem. A surpresa negativa de julho foi influenciada sobretudo pela queda de 1,2% da agropecuária. Excluído esse componente, o indicador recuou 0,1%.

Nesse contexto, a indústria e os serviços mostraram menor deterioração em relação ao mês anterior. A indústria recuou 0,4%, após queda de 1,8% em junho, enquanto o setor de serviços ficou estável, depois de cair 0,5% no mês anterior. Em sentido oposto, a agropecuária passou de alta de 1,0% para retração de 1,2% em julho.

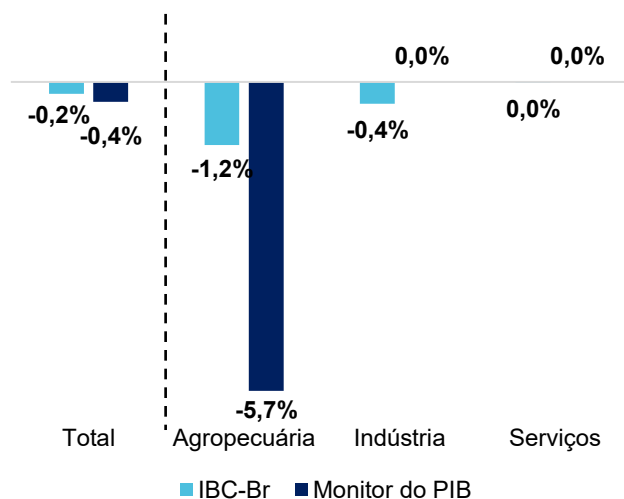
Na comparação com jul/25, o IBC-Br avançou 1,1%. No acumulado de 12 meses, o indicador manteve crescimento de 1,5%. Assim, embora a atividade ainda apresente expansão nas comparações anuais, as duas quedas mensais consecutivas reforçam a perspectiva de continuidade do processo de moderação da economia no 3T26.

Quadro 3: IPCA – Projeção Focus
Var.% no ano



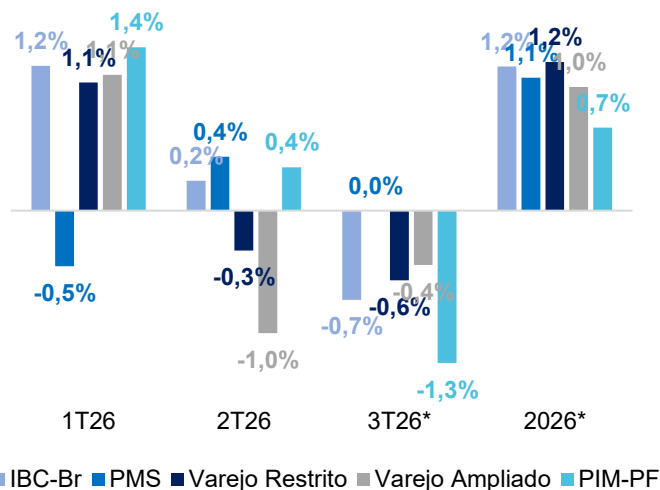
Fonte: BCB

Quadro 4: Indicadores antecedentes do PIB
Var. (%) mensal em Julho



Fonte: BCB e FGV

Quadro 5: Indicadores de Atividade
Var.% Trimestral e Carry over para o 3T26 e 2026



Fonte: BCB e IBGE. *Carry over

O Monitor do PIB, por sua vez, registrou queda mais intensa da agropecuária (-5,7%) e estabilidade da indústria e dos serviços em julho. Na comparação interanual, o indicador cresceu 1,3%, enquanto no acumulado de 12 meses avançou 1,8%, menor taxa desde mai/21, mantendo assim trajetória de acomodação.

Pela ótica da demanda, o trimestre móvel encerrado em julho continuou indicando desaceleração mais acentuada do consumo das famílias. O componente cresceu apenas 0,4% em relação ao mesmo período de 2025, após registrar alta de 2,0% em abril. As exportações, por sua vez, avançaram 0,3% na mesma métrica, também sinalizando perda relevante de dinamismo da demanda externa (+14,5% em fev/26).

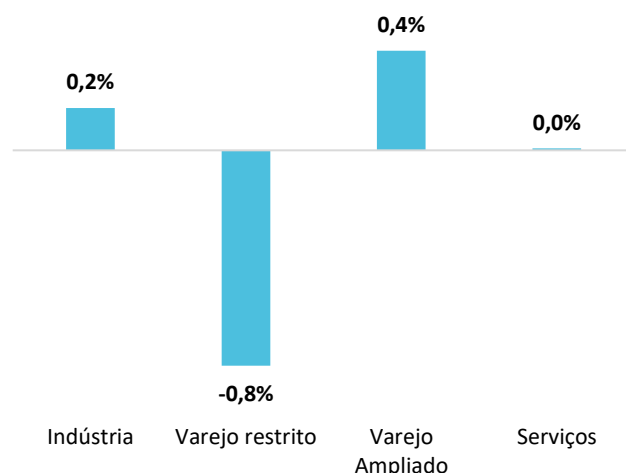
Assim, os carregamentos estatísticos dos dois indicadores seguem apontando um cenário de baixo dinamismo para o 3T26: -0,7% no IBC-Br e -0,5% no Monitor do PIB, sugerindo a possibilidade de retração do PIB no período. Para 2026, os carregamentos ainda são positivos em 1,2% e 1,6%, respectivamente, mas apontando para um crescimento menor que 2% no ano.

O resultado do varejo, divulgado pelo IBGE, também ficou abaixo do previsto. O varejo restrito recuou 0,8% no mês, ante expectativa de queda de 0,1%, enquanto o varejo ampliado avançou 0,4%, ligeiramente abaixo do consenso (+0,5%). A diferença entre os dois conceitos foi explicada pelo desempenho positivo dos segmentos que integram apenas o varejo ampliado: vendas de veículos (+0,3%) e materiais de construção (+0,7%), limitando a perda de dinamismo do indicador agregado.

Na abertura setorial, cinco das dez atividades pesquisadas registraram crescimento em julho, com destaque para as vendas de artigos farmacêuticos (+0,6%) e equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (+0,6%). Por outro lado, segmentos relevantes para o consumo das famílias apresentaram retração: hipermercados e supermercados (-0,1%), tecidos, vestuário e calçados (-2,7%), móveis e eletrodomésticos (-4,9%) e outros artigos de uso pessoal e doméstico (-2,2%). A composição do resultado sugere um enfraquecimento adicional do consumo, especialmente nos segmentos mais sensíveis ao ciclo econômico.

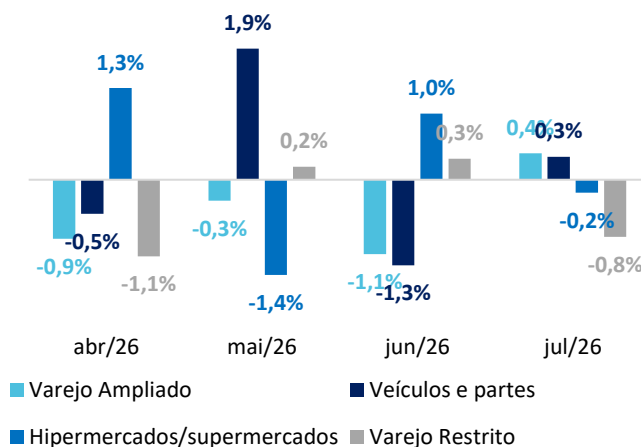
A perda de dinamismo também aparece nos carregamentos estatísticos. Para o 3T26, o *carry-over* é de -0,4% no varejo ampliado e de -0,6% no restrito. Para o ano, os carregamentos permanecem positivos, em 1,0% e 1,2%, respectivamente. Dessa forma, os dados de julho reforçaram a leitura de moderação da atividade econômica no início do 3º trimestre, que deve seguir mostrando perda gradual de tração na margem.

Quadro 6: Indicadores Setoriais de Atividade - Julho
Var. (%) mensal dessazonalizada



Fonte: IBGE

Quadro 7: Indicadores de Varejo
Var. (%) mensal dessazonalizado



Fonte: IBGE

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Fed volta a elevar juros, em meio à nova escalada do preço do petróleo

As tensões no Oriente Médio seguem elevadas, com destaque para a escalada do conflito entre a Arábia Saudita e o grupo Houthis, financiado pelo Irã. Os Houthis têm atacado a infraestrutura energética saudita, e o país já avisou clientes sobre a impossibilidade de entregar petróleo no próximo mês. Com isso, o barril segue em patamar elevado, pouco acima de US\$ 100 (Brent), ampliando as preocupações com a inflação global.

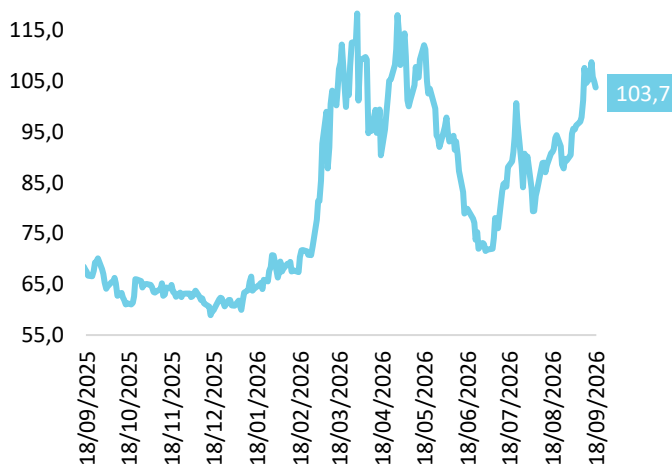
Nos mercados, os principais índices acionários norte-americanos recuaram no início da semana, pressionados pela alta do petróleo, pelos rendimentos das *Treasuries* e pela expectativa em torno da decisão do Fed. Após a reunião, contudo, houve recuperação dos ativos de risco, em sinal de maior confiança na condução da política monetária pelo Fed.

O Fed elevou os juros em 0,25 p.p., por unanimidade, para o intervalo entre 3,75% e 4,00% a.a.. Esta foi a primeira alta em três anos. Na avaliação do Comitê, a atividade segue em ritmo sólido e o mercado de trabalho, relativamente estável, mas a inflação permanece acima da meta de 2,0%, justificando a retomada do aperto. A mediana das novas projeções dos dirigentes aponta os *Fed Funds* em 4,1% ao fim de 2026, sinalizando mais uma alta de 0,25 p.p. no ano. Com isso, o mercado já precifica nova alta na reunião de outubro (dia 28). O presidente Kevin Warsh afirmou ver a política monetária agora como "menos expansionista", trecho interpretado pelo mercado como sinal de novas altas à frente.

Nos indicadores, as vendas no varejo avançaram 1,2% em agosto, maior alta dos últimos cinco meses e bem acima do esperado (+0,8%). A maior variação individual veio dos postos de gasolina (+3,1%), influenciada pela alta do combustível, dado que o índice não é ajustado pela inflação. Ainda assim, o núcleo do indicador, que exclui combustíveis, entre outros itens, e é usado no cálculo do PIB, saltou 1,4%, ante expectativa de apenas 0,4%, indicando dinamismo do consumo das famílias.

Na China, as vendas no varejo cresceram 0,4% em agosto, abaixo do observado no mês anterior (+0,6%) e do esperado (+0,8%), trazendo novos sinais de fraqueza do consumo doméstico. Em sentido oposto, a produção industrial acelerou de 4,5% para 5,2% na comparação interanual, superando as expectativas (+4,8%) e mantendo-se como o setor mais dinâmico da economia chinesa, beneficiando-se das exportações de itens manufaturados de alta tecnologia.

Quadro 8: Preço do Barril de Petróleo Em US\$ (tipo Brent)



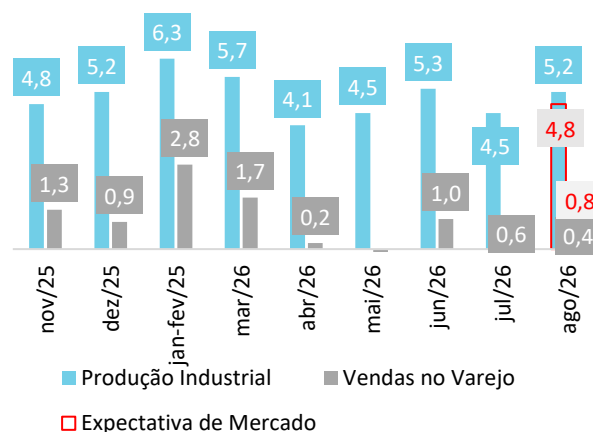
Fonte: Bloomberg.

Quadro 9: Fed – Projeções Macroeconômicas

	Projeção ago/26			Diferença ante jun/26 (p.p.)		
	2026	2027	2028	2026	2027	2028
Taxa de Juros (% aa)	4,1	4,1	3,9	+0,3	+0,5	+0,5
Inflação (Núcleo do PCE) (Var. % a/a)	3,4	2,5	2,2	+0,1	0,0	+0,1
PIB real (Var. % a/a)	2,3	2,4	2,2	+0,1	+0,1	0,0
Taxa de desemprego (%)	4,1	4,1	4,1	-0,2	-0,2	-0,1

Fonte: Fed/Summary of Economic projections (SEP).

Quadro 10: China - Vendas no varejo e Produção Industrial – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Boletim do Mercado de Capitais da Anbima – Agosto/2026

CRÉDITO / BANCOS

As captações do mercado de capitais totalizaram R\$ 48,8 bi em agosto, segundo o Boletim de Mercado de Capitais da Anbima. O resultado equivale a uma queda de 27,9% em relação ao mês anterior e de 19,2% ante ago/25, em termos reais (ajustados pelo IPCA).

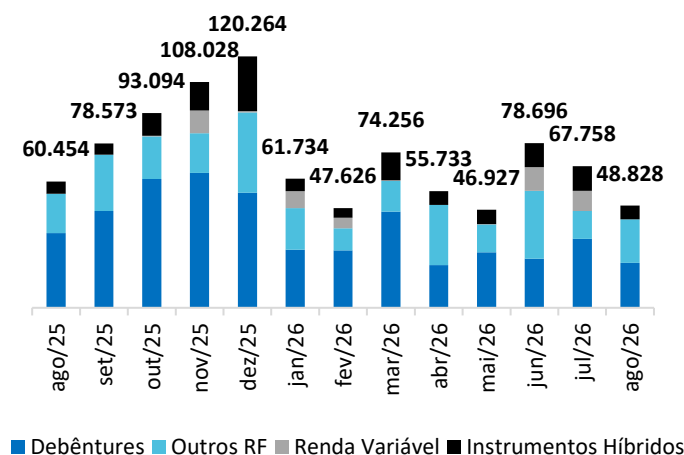
A captação por meio de debêntures ficou em R\$ 21,5 bi (44,0% do total) no mês, com queda real de 40,0% ante ago/25 e menor patamar para o mês desde 2020. As emissões pelos demais instrumentos de renda fixa (CRIs, CRAs, notas comerciais, FIDCs, entre outros) atingiram R\$ 20,9 bi, ou 42,8% do total, com crescimento de 11,5% na comparação anual. Esse crescimento é explicado pelo avanço dos FIDCs, que se consolidaram como o segundo principal instrumento de captação do mercado, com volume de R\$ 14,5 bi em agosto e alta de 136% em relação a ago/25.

Os instrumentos híbridos totalizaram R\$ 6,5 bi em captações em agosto (13,3% do total), com alta de 10,4% ante ago/25, puxada pelos FIAGROS. A Anbima não apontou nenhuma operação de renda variável (IPO ou follow-on) em agosto.

No acumulado do ano, as captações somaram R\$ 481,6 bi, alta de 1,3% ante o mesmo período de 2025. O crescimento é liderado pela retomada das operações de renda variável (+690,4%), que registraram operações relevantes em jun/26 e jul/26, com destaque para o *follow-on* da Engie (R\$ 8,4 bi). Os instrumentos híbridos também cresceram (+107,8%), sobretudo pelos FIAGROS. Os instrumentos de renda fixa, por sua vez, seguem com predominância absoluta nas emissões (86,7% do total), liderados pelas debêntures, que, apesar disso, registram intensa queda no ano (-21,3%). Em sentido contrário, os FIDCs apresentam crescimento expressivo no período (+35,2%) e respondem por 34,2% do total das captações via renda fixa, reforçando o papel do instrumento como uma fonte de financiamento cada vez mais relevante no mercado de capitais.

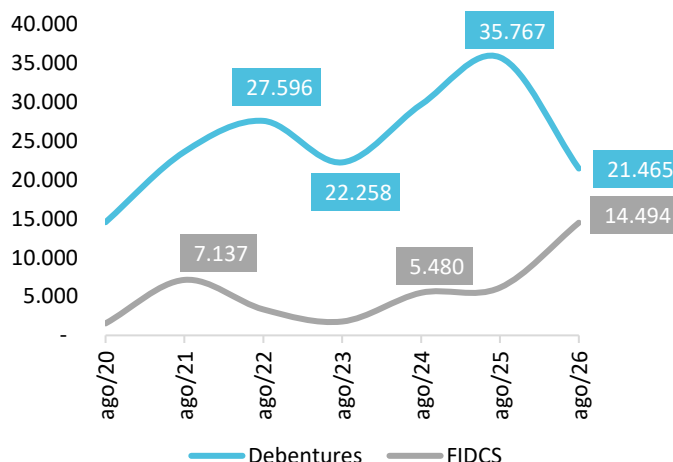
Portanto, o dado indica que o segmento começa a mostrar sinais mais evidentes de moderação, sobretudo na captação via debêntures, em um quadro de elevada taxa de juros e aumento do número de grandes empresas em dificuldade financeira (recuperação judicial ou extrajudicial). Por outro lado, vale notar a crescente relevância dos FIDCs, que, por sua vez, vem acompanhada de maior atenção regulatória, como apontado na ata da última reunião do Comef/BC, que tem demonstrado preocupação com o avanço de estruturas que dificultam a avaliação adequada dos riscos.

Quadro 11: Captação no Mercado de Capitais Em R\$ mi – Preços de ago/26 (IPCA)



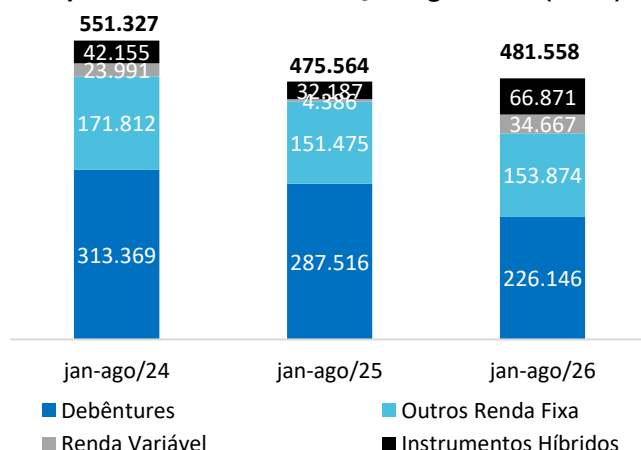
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 12: Captação de Debêntures vs FIDCs Em R\$ mil



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

Quadro 13: Acumulado de captações no mercado de capitais – Em R\$ mi – Preços agosto/26 (IPCA)



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	18/09/2026	11/09/2026	21/08/2026	Viés	18/09/2026	11/09/2026	21/08/2026	Viés
IPCA (%)	4,92	4,90	5,02	▲	4,30	4,30	4,25	↔
PIB (% de crescimento)	1,88	1,89	1,95	▼	1,43	1,45	1,50	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,50	13,75	13,75	▼	12,00	12,00	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,20	↔	5,28	5,28	5,30	↔

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	18/09/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,14	0,41%	-0,84%	-6,08%	-3,24%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	111,75	0,76%	-8,61%	-19,32%	-11,65%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,65	-0,41%	-1,02%	-8,35%	-8,37%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,61	0,06%	-0,86%	-1,46%	-4,95%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,08	-0,11%	-3,16%	4,47%	6,26%
Índice Ibovespa (em pontos)	185.229,17	-1,06%	4,40%	14,96%	27,31%
IFNC (setor financeiro)	19.695,52	0,19%	7,68%	13,87%	22,98%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,00	6,67%	6,67%	6,67%	-5,88%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,74	2,55%	9,25%	37,55%	33,11%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	5,00	0,59%	5,18%	21,21%	21,73%
Dollar Index	100,22	1,11%	0,80%	2,02%	2,95%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.650,50	-0,08%	-0,46%	10,94%	15,36%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	178,78	-4,93%	-3,58%	7,99%	15,69%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	140,13	-1,45%	-1,38%	11,87%	10,89%
Índice Euro Stoxx 50	6.236,20	-1,41%	-2,87%	7,59%	14,29%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	313,44	-2,69%	-0,83%	18,82%	35,86%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	103,87	-0,71%	14,79%	67,75%	54,02%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
Jayme Alves
Luiz Fernando Castelli
João Vítor Siqueira
Marcos Duarte
Jéssica Silva Martins